

**Ano XXVI n° 6672 – 04 de outubro de 2022**

## **Mais da metade das famílias brasileiras estão endividadas**



O desemprego, a recessão econômica e a alta dos alimentos estão levando os trabalhadores a recorrerem, cada vez mais, aos cartões de crédito. Como o Brasil tem as maiores taxas de juros do planeta (atrás apenas hoje da Rússia, em função da guerra e sanções econômicas daquele país), basta uma parcela em atraso para o consumidor ver a rolagem da dívida disparar como uma bola de neve. Esta política de juros, agravada no governo Jair Bolsonaro (PL) e o padrão monetário controlado por banqueiros a frente do Banco Central (o atual presidente do BC é Roberto Campos Neto, do Santander), fez com que mais da metade das famílias brasileiras (53,1%) esteja endividada com instituições financeiras.

O aprofundamento da crise econômica no atual governo e o velho receituário de elevar os juros para tentar controlar a alta da inflação, especialmente dos alimentos, elevaram ainda mais o endividamento dos trabalhadores. Atualmente, 62 milhões de pessoas estão com seu nome no SPC/Serasa e mais de seis milhões de empresas também estão negativadas.

A situação não apenas humilha as pessoas, mas afeta a macroeconomia e impede a recuperação econômica do país que depende do poder de compra das famílias, já afetado pela perda da renda média dos trabalhadores no atual governo.

A perda nos rendimentos afetou a população como um todo em 2021, com recuos registrados nas 13 classes de rendimento avaliadas pelo IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatísticas). Contudo, as camadas mais pobres foram as mais atingidas. Os 5% dos brasileiros com rendas mais baixas tiveram perdas de 33,9% no ano passado, comparado ao ano anterior.

A segunda camada mais afetada foi a dos brasileiros na faixa dos 5% a 10% mais pobres, a segunda menor renda média entre a população, que teve perdas de 31,8%.

## **ATAQUES AO MEIO AMBIENTE**

Ano após ano o governo Bolsonaro vem batendo recordes de desmatamento. Apesar disto, tanto nos debates eleitorais e entrevistas, quanto em seu discurso na Organização das Nações Unidas (ONU), tem mentido chegando a dizer que a Floresta Amazônica tem o mesmo tamanho de quando o Brasil foi descoberto em 1500.

No último ano, o país registrou aumento de 20% no desmatamento da Amazônia: mais de 13 mil quilômetros quadrados, o maior já registrado desde 2006. Nesse mesmo período, o Pantanal foi o bioma que mais sofreu com as queimadas, com registro de 22.119 focos, crescimento de 120% em 2022. Os dados são do MapBiomas, rede de empresas de tecnologia, ONGs e universidades.

Desde o início de 2019, o país vem registrando ataques ao meio ambiente por parte do Planalto, começando pela definição de Ricardo Salles, que responde processo por contrabando de madeiras, como ministro do Meio Ambiente, até o desmonte do Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis (Ibama), onde, em menos de quatro anos, ocorreu a exoneração de três diretores de Proteção Ambiental.

Também, ano após ano, o governo federal quebrou recordes na liberação de agrotóxicos: em 2019, foram liberados 474 químicos; em 2020, 493; e, em 2021, 562. Em fevereiro deste ano, também conseguiu aprovação pela Câmara do projeto de lei 6299/02, conhecido como “PL do Veneno” que permite comercialização de agrotóxicos sem aprovação do Ibama e da Agência Nacional de Vigilância Sanitária (Anvisa).

Relatórios do Conselho Indigenista Missionário (Cimi), mostram ainda que triplicou o número de invasões e exploração ilegal de terras indígenas durante este governo. E, entre 2020 e 2021, 358 indígenas perderam a vida de forma violenta.

